

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

RESPIGOS  
CAMONIANOS



2.ª edição

LISBOA

1974



CAM.  
1041

## “Respigos Camonianos,” do Doutor Leite de Vasconcellos

1. Incansável trabalhador, o Doutor José Leite de Vasconcellos nunca, quanto sei, considerou definitivo qualquer trabalho seu. E ver no assombroso espólio os maços de apontamentos, que se engrossando com informação nova para acrescentar a futuras edições, e, simultaneamente, o escripto com que se lhes entregava: raras vezes alterava a linguagem, menos ainda o plano — defeitos — pois que os grandes erros agulha em palheiro, tal a cuidado da correção e da publicação postumamente para o prelo. E, no entanto, insistiu, parece não ter olhado como para sempre os artigos, folhetos e volumes impressos, pois ele, tão sabedor, não sabia tudo quanto desejava. Devo muito apreço ao que publicava — decerto pelas ceutilas usadas ao entregar ao público o produto do seu labor — e tinha satisfação ao ler e quando ouvia palavras de entendimento e concordância: era antes o prazer de se sentir compreendido e aprovado, do que a vulgar vaidade de ser aplaudido. Não receava ter de corrigir-se. Lembro-me de uma tarde em que veio ter-me um apontamento já pronto para um jornal de Lisboa; perguntou-me se gostava, e respondi afirmativamente; o pior foi ter-me pedido que lhe «interpretasse» certo passo — e eu não conseguí fazê-lo de modo capaz, por ter ouvido precipitadamente ou...



CAM  
1041

RESPIGOS  
CAMONIANOS

## “Respigos Camonianos,, do Doutor Leite de Vasconcellos

1. Incansável trabalhador, o Doutor José Leite de Vasconcellos nunca, quanto sei, considerou definitivo qualquer trabalho seu. É ver no assombroso espólio os maços de apontamentos, que ia engrossando com informação nova para acrescentar a futuras edições, e, simultaneamente, o escrúpulo com que se lhes entregava: raras vezes alterava a linguagem, menos ainda o plano; corrigia pequenos defeitos — pois que os grandes eram agulha em palheiro, tal o cuidado de pensamento e de realização posto em toda a obra saída da sua mesa de trabalho para o prelo. E, no entanto, insisto, parece não ter olhado como «para sempre» os artigos, folhetos e volumes impressos, pois ele, tão sabedor, não sabia tudo quanto desejava. Dava muito apreço ao que publicava — decerto pelas cautelas usadas ao entregar a público o produto do seu labor — e tinha satisfação ao ler e quando ouvia palavras de entendimento e concordância: era antes o prazer de se sentir compreendido e aprovado, do que a vulgar vaidade de ser aplaudido. Não receava ter de corrigir-se. Lembro-me de uma tarde em que veio ler-me um apontamento *já pronto* para um jornal de Lisboa; perguntou-me se gostara, e respondi afirmativamente; o pior foi ter-me pedido que lhe «interpretasse» certo passo — e eu não consegui fazê-lo de modo capaz, por ter ouvido precipitadamente ou...



por deficiência de redacção; o Doutor Leite teve um gesto de impaciência e declarou: «Pois é; isto está mal escrito; vou escrever de novo».

No que deixou inédito depararam-se-nos três tipos de materiais, sempre merecedores de estudo atento: para continuação de obras que circunstâncias várias interromperam (por exemplo, a *Etnografia Portuguesa*), para obras novas (por exemplo, os volumes suplementares, v. g. os *Contos Populares e Lendas*) ou para acréscimo de obras completas (por exemplo, as centenas de verbetes para uma nova edição das *Tradições Populares de Portugal* — e que têm sido aproveitados em novos volumes da *Etnografia Portuguesa*).

Num maço (a que fez referência o Doutor Gaspar Machado em «Os Inéditos do Doutor Leite de Vasconcelos», in *Revista de Portugal*, de Julho de 1958) encontrava-se cerca de uma centena de verbetes e alguns textos, sob o título «Respigos Camonianos — II volume».

2. Em 1904 o Doutor Leite de Vasconcellos publicou um volume luxuoso, em edição de cem exemplares, numerados 1 a 10, em papel de linho (de Holanda) e de 11 a 100, em papel de algodão (especial), in 8.º grande, com 49 páginas, uma branca e uma de índice. A capa apresentava-se do modo seguinte: «Respigos / Camonianos / pelo / Dr. J. Leite de Vasconcellos / Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa / Professor do Curso de Bibliothecario — Archivista / I / Lisboa / Officina Typographica / Calçada do Cabra, 7 / 1904».

É dedicado «ao illustre poeta siciliano Tommaso Cannizzaro». Na *Advertência preliminar*,



datada de 10 de Junho, o A. informa que inaugura uma série de opúsculos com curiosidades bibliográficas a respeito do épico, e explica o emprego da palavra *respigos*, sobre a qual, no fim do volume, publica um excurso filológico: «Da palavra «Respigo» e de outras de significação congénere». (Este estudo com leves modificações saiu novamente nos *Opúsculos*).

O corpo da obra é constituído por poesias (com tradução e notas) de Torquato Tasso, Lord Byron, Frederico Schlegel e Nicollau Delius, dedicadas a Camões.

Estas informações pareceram úteis, pois que os *Respigos Camonianos* são hoje uma obra rara, e a maioria dos Leitores não terá facilidade em encontrá-la, dada a pequena tiragem.

De entre os verbetes, um tem especial interesse por nos dar um plano do segundo volume: «I. Da Etimologia de *Camões*; II. Glosa de uma oitava dos *Lusíadas*; III. Poesia alemã em honra de Camões; IV. Ex-líbris camonianos; V. Camoniana; VI. *Alma minha* em galego e catalão». Deve notar-se que a alínea II se encontra riscada, embora o A. não tivesse retirado os apontamentos que lhe respeitam.

Parece que o ilustre Professor chegou a desinteressar-se da publicação separada, reunindo antes estes elementos numa miscelânea dos *Opúsculos*, se bem se entende uma anotação a lápis no seu exemplar de uso dos *Respigos*.

3. A Academia Portuguesa de Ex-Líbris, ao tomar a responsabilidade de reproduzir nas páginas do seu Boletim o importante opúsculo do Doutor Leite de Vasconcellos, honra-se com tal circunstância e crê prestar um serviço espe-

cial à Cultura Portuguesa — retirando do olvido uma obra que o não merece.

Agradecendo aos Testamenteiros do illustre Professor a autorização, reconhece que o aspecto informe das notas posteriormente reunidas, o seu valor desigual para a concretização do plano acima referido, o próprio desinteresse do autor conforme se disse — são motivos suficientes para (pelo menos por enquanto) não se pensar na organização da II Parte dos *Respigos Camonianos*.

Paulo Caratão Soromenho





ADVERTENCIA PRELIMINAR

# RESPIGOS CAMONIANOS

PELO

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa  
Professor do Curso de Bibliothecario Archivista

Lisboa, 10 de Junho de 1904.

I



SONETTO

*Vasco, la cui felice eredita antena  
Incontra il giorno*  
**LISBOA**  
**OFFICINA TYPOGRAPHICA**  
*Or* CALÇADA DO CABRA, 7

1904

*Non più di te per aspro mar sostiene  
Qual che fece al Ciclone straggio e scorno,  
Nè chi turbò l'onde nel suo soggiorno  
Nè che più te colta e colte penne.*



cial à Cultura Portuguesa — retirar do ol-  
vido uma obra que a esse respeito

Agradecemos ao Sr. Tommaso Cannizzaro, il-  
lustre Professor e autor, que reconhece que o  
aspecto posterior das notas anteriormente publi-  
cadas, o valor de suas ideias e a concreção

Ao  
CAMOMIANOS

enquanto se não pensar em não (quando  
il Parte II

DE J. LEITE DE VASCONCELOS

Paulo César de Moraes  
Tommaso Cannizzaro  
**Tommaso Cannizzaro**

I

..... il sereno levita  
Che die e notte lavora a la tela infinita  
De l'arte e del pensiero.

Tramonti, Messina 1892, p. 373.



LIBRO  
OFFICINA TIPOGRAPHICA  
CARRIA DO CORREIO 7

1904



## ADVERTENCIA PRELIMINAR

Com o titulo de *Respigos Camonianos* inauguro hoje uma serie de opusculos que conterão várias curiosidades bibliographicas a respeito do nosso epico.

Denominando-os metaphoricamente assim, quero significar: por um lado, que, apesar de muito se ter já escrito sobre Camões, ha sempre mais alguma cousa que dizer; e por outro, que o meu trabalho é de pequeno folego. Com effeito, a palavra *respigo* emprega-se em duas accepções: numa exprime, de modo abstracto, a acção de respigar; noutra exprime, de modo concreto, os bagos de uvas e escádeas que ficam aqui e alem nas vides, depois de feita a vindima <sup>1</sup>.

Neste primeiro opusculo dou a tradução portuguesa e annotada de poesias escritas por Torquato Tasso, Lord Byron, Frederico Schlegel e Nicolau Delius em honra de Camões.

Lisboa, 10 de Junho de 1904.

---

<sup>1</sup> Vid. o *Ecurso* no fim d'este trabalho.

### I

#### TORQUATO TASSO

#### SONETTO

*Vasco, le cui felici ardite antenne  
Incontro al sol che ne riporta il giorno  
Spiegâr le vele e fêr colà ritorno  
Ov' egli par che di cadere accenne,*

*Non più di te per aspro mar sostenne  
Quel che fece al Ciclope oltraggio e scorno,  
Nè chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno  
Nè diè più bel subietto a colte penne.*

*Ed or quella del colto e buon Luigi  
Tant' oltre stende il glorioso volo,  
Ch' i tuoi spalmati legni andâr men lunge:*

*Ond' a quelli a cui s'alza il nostro polo  
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi  
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.*

## SONETO

*O' Gama, que da tua nau valente  
Soltaste as velas cheio de ufania  
Em procura do sol que traz o dia,  
E em fim voltaste ás praias do Occidente:*

*Não te excede, sulcando o mar fremente,  
Quem ao Cyclópe insulta e desafia;  
Nem dá mais bello assunto de poesia  
Quem as Harpyas caça afoitamente.*

*Mas o illustre e bom Luis o vôo ethereo  
Ergue tão alto, no esplendor da gloria,  
Que menos longe foi o proprio Gama...*

*Por isso, ao Norte e ao Sul, cada hemispherio,  
Quando chega até elle a voz da Historia,  
Vê crescer em Camões teu nome e fama.*

## OBSERVAÇÕES

*Torquato Tasso* é bem conhecido para que eu tenha de me expraiar aqui em considerações sobre elle. Basta recordar que nasceu em Sorrento em 1544, e morreu em Roma em 1595. A *Jerusalem libertada* constitue o seu principal titulo de gloria;

mas elle compôs outras obras, entre as quaes uma collecção de poesias lyricas, ou *Rimas*, a que pertence o soneto que acima traduzi, e que é mais um documento das relações litterarias que no sec. XVI houve entre Portugal e a Italia.

O soneto foi já traduzido várias vezes, não só em portuguez, mas noutras lingoas. Veja-se a tal proposito o seguinte opusculo: *Soneto italiano de Torquato Tasso... endereçado como encomio ao nosso Luiz de Camões, com as versões em portuguez, francez e inglez, antecedidas d'um preambulo* do professor bracarense Pereira Caldas, Braga 1883. Neste opusculo transcreve-se o soneto original e as versões do Sr. Ramos Coelho, em portuguez (vid. Juromenha, *Obras de Camões*, I, 180), de Duperron de Castera, em francês (sec. XVIII), de Millié, tambem em francês (sec. XIX), de Fanshaw, em inglés (sec. XVII), e de Mikle, tambem em inglés (sec. XVIII). Pereira Caldas menciona ahi outra traducção portuguesa, feita por João Joaquim de Almeida Braga († 1871), da qual só resta a primeira quadra <sup>1</sup>. A minha traducção appareceu pela primeira vez á luz em 1881 nas *Rimas portuguesas*; agora porém ficou mais correcta <sup>2</sup>.

O soneto tassiano tornou-se alem d'isso objecto de um folheto especial intitulado *Torquato Tasso a Luiz de Camões, soneto: Vasco da Gama*, — por A. de Portugal de Faria, Leorne 1898, de 15 pg. numeradas. O Sr. Portugal de Faria, havendo compulsado na Bibliotheca Universitaria de Bolonha um codice do sec. XVI (n.º 1072) que contém uma variante do soneto, transcreve no opusculo phototypicamente, em página independente, essa lição manuscrita. — A pag. 14 diz que este seu opusculo é a primeira edição separada e autonoma do soneto; vê-se que desconhecia a que Pereira Caldas fizera em 1883.

O Sr. Portugal de Faria reproduz outra vez phototypicamente a lição manuscrita no seu livro *Portugal e Italia*, Leorne 1898, entre pag. 124 e 125.

A primeira vez que o soneto veiu a lume foi em 1587, em Veneza, nas *Gioie di rime e prose del sig. Torquato Tasso*. A lição que adopto é conforme com as *Rime di Torquato Tasso*, edição feita pelo

Sr. Prof. Angelo Solerti, vol. IV, p. 193, o qual reproduz o texto da edição de 1587<sup>3</sup>.

Entre essa lição e o ms. de Bolonha ha algumas differenças: v. 2, *incontra il* (varias edd. tem *incontro al*); v. 7, *lor* (em vez de *suo*); v. 8 *dier* (por erro de cópia), e *suggeto*; v. 9, *Et hor*, e *dotto* (em vez de *colto*); v. 10, *tanto oltre*; v. 12, *Onde a noi, cui sublime è questo polo*; v. 13, *Et a chi ne ricolge i suoi vestigi*; v. 14, *fama giunge*<sup>4</sup>.

Commentario a alguns dos versos do soneto de Tasso:

Vv. 1-4. Estes versos resumem o assunto dos *Lusiadas*: cant. I, est. I; cant. X, est. 144. — Cfr. tambem o que a respeito de Colombo se lê na *Gerusalemme liberata*, XV, 32:

Tu spiegherai, Colombo, a un nuovo polo  
Lontane sì le fortunate antenne...

Vv. 5-6. Quem se adeanta contra o Cyclope é Ulysses, conforme o que Homero conta na *Odysseia*, IX, 105-566; quem vae ferir as Harpias é Eneas, conforme o que Vergilio conta na *Eneida*, III, 211-258. Camões também põe em confronto os seus *Lusiadas* com aquelles dois monumentos da litteratura classica no cant. I, est. 3:

Cessem do sabio Grego<sup>5</sup> e do Troiano<sup>6</sup>  
As navegações grandes que fizeram...

No sec. XVI a historia greco-romana era tão familiar aos espiritos cultos, que os poetas epicos facilmente estabeleciam parallelismos, e mesmo confusões, entre ella e a historia contemporanea.

<sup>1</sup> Esta quadra vem intercalada num «estudo historico» que Almeida Braga fez acerca de Tasso, e que acompanha alguns dos exemplares, não todos, do *Godofredo ou Jerusalem libertada*, — por André Rodrigues de Mattos, ed. de Coimbra de 1859. O «estudo» sahio primeiro, como se diz no *Dicc.*

*Bibliogr.* de Innocencio & Aranha, III, 388 e X, 282, no *Independente* de 2 de Setembro de 1858. — A respeito do facto de nem todos os exemplares do *Godofredo* trazerem o «estudo historico» de Almeida Braga, vid. *Impressões deslandesianas* do Dr. Xavier da Cunha, t. I, p. 204-205.

<sup>2</sup> O Sr. Portugal de Faria, no seu folheto *Torquato Tasso*, de que fallo adeante, diz que o soneto foi igualmente traduzido por Mendes Leal; todavia não indica onde.

<sup>3</sup> O vol. em que vem o soneto está ainda em curso de publicação; mas o Sr. Solerti, a pedido do meu amigo o Sr. Dr. Francesco d'Ovidio, professor de philologia na universidade de Napoles, teve a bondade de me enviar cópia manuscrita do soneto e do commentario que o acompanha. Neste commentario cita o Sr. Solerti o primeiro dos dois referidos opusculos do Sr. Faria, e acrescenta: «Cfr. la mia *Vita di T. Tasso*, t. I, p. 692, e Joaquim de Araujo, *Centenario da Índia, O soneto de T. T. a Camões, carta a Antonio de Portugal de Faria*, Genova, t. p. Sordo Muti, 1898». No seu opusculo o Sr. Araujo, equivocando-se na data da ed. das *Rime* de Tasso (1587, e não 1597), diz a p. 7 que o soneto teria sido enviado, *em manuscrito*, de Italia para Lisboa; bastava porém notar que na ed. de 1598 das *Rimas* de Camões, onde creio que pela primeira vez o soneto appareceu á luz em Portugal, se declara que elle foi extrahido da parte 6.<sup>a</sup>, folio 47, das *Rime* de Tasso, para se ver a inutilidade da hypothese.

<sup>4</sup> O ms., como nota o Sr. Solerti, não é autographo. — A comparação d'elle com a lição impressa mostra nos que houve ideia de corrigir esta, fazendo que se evitassem certas repetições de palavras (*incontra, incontro* nos vv. 2 e 13; *colte* — *colto* nos vv. 8 e 9), tornando mais logico o v. 12 *noi ... questo* em vez de *quelli... nostro*), e substituindo no v. 7 *suo* por *lor*, embora *suo*, referido a um nome no plural, se encontre na linguagem poetica e nos poetas mais ou menos antigos («s'aggiunge, — diz-me o Sr. F. d'Ovidio em carta particular —, che il Tasso viveva in territorio gallo-italico, dove quell' uso del *suo* è normale nei dialetti»).

<sup>5</sup> Ulysses.

<sup>6</sup> Eneas.

## II

## LORD BYRON

## STANZAS TO A LADY

With the poems of Camöens

*This votive pledge of fond esteem,  
Perhaps, dear girl! for me thou 'lt prize;  
It sings of Love's enchanting dream,  
A theme we never can despise.*

*Who blames it but the envious fool,  
The old and disappointed maid;  
Or pupil of the prudish school,  
In single sorrow doom'd to fade?*

*Then read, dear girl! with feeling read,  
For thou wilt ne'er be one of those;  
To thee in vain I shall not plead  
In pity for the poet's woes.*

*He was, in sooth a genuine bard:  
His was no vain, fictitious flame:  
Like his, may love be thy reward,  
But not thy hapless fate the same*

## A UMA SENHORA

Ao mandar-lhe as Rimas de Camões

*Talvez te sirva de alegria extrema  
O penhor que te dou do meu affecto immenso:  
Canta os sonhos de amor, um bello thema  
De que ninguem jamais deve zombar, — eu penso.*

*Pois quem ousa fazer-lhe desacato?  
Só o louco de inveja, e a misera e mezquinha  
Que passa toda a vida em celibato,  
Ou a que na clausura a sós triste definha.*



Lê esses versos, pois, com alvoroço,  
 Tu que aspiras, senhora, ao mundo e á liberdade:  
 Eu nunca em vão teu nome invocar posso,  
 P'ra as mágoas de Camões rogando-te piedade.

Elle era, sim, um genio peregrino,  
 E verdadeira a chamma em que o seu peito ardia:  
 Oxalá que outro seja o teu destino,  
 Mas que tão grande amor venhas a achá-lo um dia!

#### OBSERVAÇÕES

Lord Byron (1788-1824) esteve no nosso país, como é sabido. Não ha ninguem que pelo menos não conheça o que elle disse de Sintra. Das impressões que a sua estada em Portugal lhe suggeriu, falla o interessante livro do Sr. Dr. Alberto Telles, intitulado *Lord Byron em Portugal*, Lisboa 1879, onde se reproduzem e explicam varios passos do *Child Harold's Pilgrimage* e dos *Letters*.

Independentemente do que em taes obras diz de Portugal, Lord Byron teve occasião de se referir a Camões numa das poesias das suas *Horas de ocio* (i. é, *Hours of idleness*). É essa poesia a que agora transcrevo e traduzo. A 1.ª ed. dos *Hours of idleness* data de 1807. A ed. d'onde faço a transcripção é de 1890 (*The poetical works of Lord Byron*, London & New York, p. 8).

A poesia de que se trata foi já traduzida mais de uma vez na nossa lingua: por Alberto Telles, *ob. cit.*, p. IV-VI, em hendecassyllabos; por Theophilo Braga, *Historia do Romantismo em Portugal*, Lisboa 1880, p. 170, em alexandrinos. A minha traducção tinha já vindo a lume em 1881 nas *Rimas Portuguesas*, mas agora apresento-a modificada.

## III

FRIEDRICH VON SCHLEGEL

AN CAMOËNS

*Wo Indiens Sonne trunknen Duft den Winden  
Ausstreut, gedachtest du der hohen Kunden,  
Wie Gama einst der Thetis sich verbunden,  
Wolltest der Helden Haupt mit Ruhm umwinden.*

*O weh uns Armen, irdisch ewig Blinden!  
Kaum war dein Lied dem wilden Meer entwunden,  
Sah'st du von Alter, Sorge, Gram gebunden  
Den letzten König deines Volks verschwinden.*

*Wollust haucht in dem Liede Seel' entraubend,  
Frohlockend kommt der Helden Schiff geflogen,  
Tief unten braust ein Strom verborgner Klagen.*

*Sey, Camoëns, denn mein Vorbild! Lass' mich's  
wagen,  
Des deutschen Ruhms Urkunde aus den Wogen  
Empor zu halten, an die Rettung glaubend.*

A CAMOËS

*Lá onde o sol indiano espalha ao vento  
Doces aromas, foi que em tua lyra  
Sagraste a Portugal um monumento,  
Cantando o Gama e os mares que elle abrira.*

*Ai de nós, sempre ás cegas e em tormento!  
Quando tinhas do oceano ás furias e ira  
Salvo o poema, eis que velho e sem alento,  
Pobre Camões, vês o teu rei que expira.*

*Ao lermos-te, enlevados nos sentimentos:  
As canções dos heroes nas naus ouvimos...  
E o choro que os naufragios acompanha...*

*Sê meu guia! pois crente no futuro  
Quero da onda voraz do olvido escuro  
Resuscitar as glorias da Allemanha.*

## OBSERVAÇÕES

Carlos Guilherme Frederico von Schlegel nasceu em Hannover em 1772, e falleceu em Dresda em 1829. Critico, historiador-philosopho, indianista, professor, jornalista, dramaturgo e poeta, elle desenvolveu grande actividade litteraria, e foi, com seu irmão Augusto Schlegel, um dos fundadores do Romantismo na Allemanha.

Na sua *Historia da litteratura antiga e moderna*, onde, em um trecho sobre a poesia hespanhola, italiana e portuguesa, exalta o valor geral dos *Lusiadas*, considerados como epopeia nacional, e colloca o nosso epico acima de Ercilla e Ariosto, tem Schlegel uma celebre phrase: «Camões vale por uma litteratura»<sup>1</sup>. Esta phrase, já citada várias vezes em Portugal, por exemplo, pelo Visconde de Juromenha<sup>2</sup>, Joaquim de Vasconcellos<sup>3</sup> e outros, tornou-o certamente muito querido dos Portugueses.

Alem das mencionadas palavras a respeito de Camões, o sabio allemão dedicou-lhe o soneto que acima traduzi, e que foi publicado a primeira vez em 1809, em Berlim, no livro intitulado *Gedichte*. O mesmo soneto vem tambem em K. Gödeke, *Elf Bücher deutscher Dichtung*, vol. II, Leipzig 1849, p. 282, e na collecção completa das obras de Schlegel, *Sämmtliche Werke*, t. IX (1823), p. 36<sup>4</sup>.

Para melhor intelligencia de alguns dos versos, faço-lhes aqui um commentario:

Vv. 1-3. Na *Geschichte der alten und neuen Literatur* ou «Historia da litteratura antiga e moderna» leem-se expressões analogas ás contidas nos vv. 1-3. Fallando dos *Lusiadas*, diz Schlegel: «Assim como vem de longe perfumes inebriantes alentar os nautas em meio das ondas e das fadigas, e annunciar-lhes que a India está proxima, assim tambem este poema, concebido debaixo do ceu indiano, exhala aroma que embriaga» (Pg. 96).

Vv. 6-8. Allusão ao naufragio de Camões na foz do rio Mecom, na costa de Camboja. O proprio poeta falla nos *Lusiadas*, X, 127-128, d'este acontecimento. — No v. 7 chama-se «velho» a

Camões; mas em 1578, em que se perdeu D. Sebastião, Camões tinha uns 54 annos, admittindo-se que nascêra em 1524. — O «rei que expira» é D. Sebastião. — Na *Geschichte*, já cit., expõe Schlegel ideias semelhantes ás que se contém nos vv. 7-8: «Onde Camões se apresenta mais dignamente como cantor da sua nação é no começo e no fim do poema: ahí se dirige ao rei D. Sebastião, que ao depois arrastou comsigo, na sua desgraça, o reino florescente, e falla-lhe com amor e enthusiasmo, e tambem fazendo-lhe exhortações e graves advertencias, como um ancião inspirado, que, tendo durante tanto tempo manejado a espada, devia fallar ao seu soberano» (Pg. 97). Os passos dos *Lusiadas* a que Schlegel se refere são: canto I, est. 6-18; e canto X, est. 146-156.

Vv. 12-14. Nestes versos, um tanto obscuros, creio que Schlegel allude á historia contemporanea. Com effeito, a poesia foi escrita nos principios do sec. XIX, a julgar das outras com as quaes vem junta: o volume em que o soneto appareceu a primeira vez tem, como vimos, a data de 1809. Por esse tempo as hostes napoleonicas pisavam o solo da Allemanha. Schlegel, evocando os feitos dos Portuguezes, procura nelles estimulo para cantar a regeneração que espera para a patria. — As poesias de Schlegel são frequentemente, como esta, abundantes de symbolos.

---

<sup>1</sup> Vid. *Geschichte der alten und neuen Literatur*, nos *Sämmtliche Werke*, t. II (1882), p. 97; ou *Histoire de la littérature ancienne et moderne*, trad. de Ducket, t. II (1829), p. 115.

<sup>2</sup> Na sua ed. das *Obras de Camões*, t. I (1860), pag. 296.

<sup>3</sup> *Camões em Allemanha*, Porto 1880, p. XVII.

<sup>4</sup> Augusto Schlegel, de que acima fallei, participava dos mesmos sentimentos de affecto, que seu irmão, para comnosco, pois na sua obra intitulada *Blumensträusse italiänischer, spanischer und portugiesischer Poesie*, Berlim 1804, inseriu várias traducções camonianas, de p. 201 a 225, ás quaes juntou uma nota a p. 237.

## IV

## NICOLAUS DELIUS

## CAMOËNS

Als ein gewaltiger Orkan die Fluth an Fels und  
 Klippe schlug  
 Und dann zertrümmerte das Schiff, das den ver-  
 bannten Dichter trug  
 Da hatte Jeder Gold und Gut zu retten durch den  
 Wogenschwall;  
 Camoëns aber hatte Nichts als ein Gedicht auf  
 Portugal.

Und Alle sprangen in das Meer, mit Gold beschwert  
 und goldener Zier;  
 Camoëns trug in seiner Hand nur eine Rolle von  
 Papier.  
 Und Alle riss hinab das Meer und barg ihr Gold  
 in seinem Schooss,  
 Ihn aber hielt die Well' empor und kühlte seine  
 Wange bloss.

Und mit der Rechten rudert' er, indess er mit der  
 linken Hand  
 Festhielt sein Lusiadenlied; so schwamm er an den  
 Ind'schen Strand.  
 Zwei Güter bracht' er mit sich da gerettet aus dem  
 Wogenschwall:  
 Ein elend Leben für sich selbst, ein ew'ges Lied  
 für Portugal.

## CAMOËS

Quando o vento quebrou com furia num rochedo  
 O baixel que levava o poeta em seu degredo:

Ouro e prata livrar cada um diligencia;  
 Mas Camões nada mais possui que uma epopeia.



## A CAMÕES

*Na tua negra c'roa de loureiro  
A dor pousou, qual uma flor do gêlo:  
Foi-te cada momento um pesadêlo.  
Tua vida martyrio verdadeiro.*

*Mas ás Musas fizeste um dia appêllo:  
O renome da patria é teu, — inteiro!  
E o extincto brilho do viver primeiro  
Ella em teu livro continúa a tê-lo.*

*Se esse povo, que tanto sublimaste,  
Já nas lutas antigas não se empenha,  
Em que fama alcançou nunca excedida:*

*Eis ahi a epopeia em que o cantaste:  
P'ra que a exalçá-lo novamente venha,  
Aos mortos netos insufflando vida!*

## OBSERVAÇÕES

*Nicolau Delius*, com cujas poesias encerro este opusculo, nasceu em 1813 em Bremen, na Alemanha, e falleceu em 1888 em Bonna (ou Bonn), onde, na universidade, foi professor de lingoas e litteraturas modernas.

Publicou muitos trabalhos sobre differentes ramos da philologia, sendo principalmente notaveis os que versam sobre Shakespeare.

Delius sabia bem o portuguez, e attrahia-o muito a nossa litteratura.

Nas suas relações com Portugal, citarei d'elle o seguinte:

1) varias observações a respeito de philologia portuguesa num importante artigo critico que escreveu acêrca da *Grammatica das lingoas românicas* de F. Diez no *Jahrbuch für roman. und engl.*

*Literatur*, vol. I (1859) e IX (1868): cfr. *Revista Lusitana*, VI, 88, onde publiquei um extracto;

2) trinta e quatro interessantes cartas dirigidas ao Dr. Guilherme Storck a proposito de Camões (posuo copias que incluirei e traduzirei no trabalho que estou escrevendo intitulado: *O Dr. Storck e a litteratura portuguesa*: cfr. o meu opusculo *In Germania*, Lisboa 1903, p. 13 a 17);

3) traducção allemã de doze sonetos de Camões, publicados no *Circulo Camoniano*, vol. I (1889-1890), p. 183 seg., com uma introducção de Storck, na qual se transcreve um fragmento de uma das cartas que citei acima;

4) o seu livro *Gedichte*, Bremen 1853, onde, respectivamente a p. 7-8 e 120, vem inseridas as duas poesias que traduzo aqui.

#### Commentario:

Na primeira poesia allude-se ao naufragio de Camões no rio Mecom. Este thema era querido dos poetas allemães: já Schlegel, como vimos acima, o aproveitou tambem.

Na segunda poesia, ao traduzir *bleiche Winterblume* «pallida flor d'inverno» por *flor do gêto*, tive em mente a flor que vive na neve dos Alpes. Com quanto Delius dissesse *bleiche* «pallida», e essa flor seja branca, não é impossivel que elle tambem pensasse nella, attenta a analogia que existe entre a neve e o inverno.

### EXCURSO PHILOLOGICO

#### DA PALAVRA «RESPIGO» E DE OUTRAS DE SIGNIFICAÇÃO CONGENERE

O ter de empregar como titulo d'este trabalho a palavra *respigo* levou-me a fazer pelo país um pequeno inquerito lexicologico, cujo resultado aqui consigno, porque nisso póde interessar um ou outro leitor.



Pelo modelo de certos substantivos abstractos ou concretos, como *som* (arc. *sōo*), do lat. *sonu-*, e *serra*, do lat. *serra-*, a que correspondem respectivamente os verbos *soar* (por *sōar*), do lat. *sonare*, e *serrar*, do lat. *serrare*, — criaram-se em português, á semelhança do que succede nas outras linguas romanicas, numerosos substantivos, formados de *themas verbaes*, por exemplo:

a) masculinos: *abalo*, *abôno*, *abraço*, *accôrdo*, *afago*, *agasalho*, *aggravo*, *amparo*, *apêgo*, *aprêço*, *apuro*, *arresto*, *arrumo*, *assento*, *assobio* <sup>1</sup>, *assombro*, *bâtizo*, (em ling. pop.), *castigo*, *carrêgo*, *confêso* (em ling. pop.), *confôrto*, *ensalmo*, *êrro*, *esfôrço*, *estrago*, *fôlgo*, *gabo*, *ganho*, *gasto*, *mando*, *remendo*, *risco* («traço»), *rôgo*, *trafêgo* (que coexiste com *trafego*), *tropêço*, *vôo*;

b) femininos: *achêga*, *ajuda*, *alça*, *alimpa* (ou *limpa*), *amostra* (e *mostra*), *apanha*, *apara*, *aposta*, *busca*, *caça*, *cava*, *coita* (ant.), *compra*, *conta*, *duvida*, *engórda*, *escolha*, *esfrêga*, *falha*, *honra*, *justa* («torneio»), *loa*, *monda*, *muda*, *pesca*, *poda*, *rega*, *renda*, *risca* («traço»), *trova*, *venda*.

Cada um d'estes substantivos corresponde a um verbo: *abalar*, *abonar*, *abraçar*,... *achegar*, *ajudar*, *alçar* etc. Taes substantivos provém principalmente da 1.<sup>a</sup> conjugação, e só raro de outras, como *escolha* (de *escolher*), *renda* (de *render*), *venda* (de *vender*) <sup>2</sup>.

Quanto ao modo de formação, Diez escreve: «Des substantifs procèdent aussi de verbes par la simple adjonction d'une terminaison de genre au radical», embora note que «le nouveau mot se règle sur les formes du singulier du présent le l'indicatif roman» <sup>3</sup>; Darmesteter suppõe que os substantivos se formam do radical do verbo no indicativo <sup>4</sup>; Meyer-Lübke falla apenas de mera consonancia externa («rein äusserliche Gleichklang») d'elles com a 3.<sup>a</sup> pessoa singular do presente do indicativo ou do conjunctivo <sup>5</sup>. — Por mim julgo que, pelo menos no que toca ao português, os substantivos provém, não de determinada pessoa do verbo, mas do *thema verbal* geral, ou *thema puro*. Procedeu-se por analogia: assim como de *serra* se tinha *serrar*, e de *som* ou *sōo* se tinha *soar* (*sōar*), assim, ás avéssas, se fez *apara* de

*aparar, monda de mondar, vôo de voar*; a prova de que os substantivos não vem das pessoas do verbo está por exemplo em *tropêço, confêssô, rôgo, êrro*, que se pronunciam com a vogal fechada, ao passo que as respectivas pessoas dos verbos são *tropêço, confêssô, rôgo, êrro*, com a vogal aberta. O mesmo processo se manifesta noutras classes de palavras: assim em linguagem burlesca diz-se *a estranja*, por derivação regressiva de *estranjeiro*; posto que a palavra não esteja no uso litterario, nem por isso revela menos o processo psychologico que estou estudando <sup>6</sup>.

A's vezes a um verbo correspondem dois substantivos, como *risco* e *risca* (de *riscar*).

Na origem estes nomes são ou devem ser abstractos, pois correspondem a verbos, mas podem alguns com o uso tornar-se concretos: por exemplo *ensalmo* significou primeiro o acto de *ensalmar*, e depois as palavras que se recitam nesse acto; *assobio* significou primeiro o acto de *assobiar*, e depois o instrumento com que se assobia; *loa* significou primeiro o acto de *loar* «louvar», e depois a canção em que se exprime o louvor.

Postos estes preliminares, comprehende-se agora perfeitamente a palavra *Respigo*.

Na origem *respigo* é o acto de *respigar* <sup>7</sup>, e esse substantivo formou-se d'este verbo juntamente com *respiga*, que significa o mesmo. Temos pois aqui dois substantivos, cada um de seu genero, correspondentes a um só verbo; já acima vimos nas mesmas condições *risco* e *risca*. Propriamente *respigar* significa «recolher as espigas que ficaram por segar» <sup>8</sup>; mas emprega-se metaphoricamente no sentido de colhêr qualquer cousa aqui e alli, por exemplo, «respigar certas phrases em um auctor». O substantivo *respigo* acompanhou o verbo, pelo menos, nesta ultima accepção, circumcrevendo-se porém depois a exprimir o acto de *respigar* os restos da vindima, e, por extensão de significação, a exprimir concretamente, em algumas localidades, esses proprios restos. Aqui o substantivo designa o objecto, como *ensalmo* e *alça* designam o instrumento, *assento* e *venda* designam o logar; *respigo* em tal caso, está para *respigar*, como *caça* (que primitivamente exprime

um acto, e depois tambem o objecto da caçada) está para *caçar*. Esta, excellente cantiga popular de Fozcoa, confirma claramente o que digo:

*Fui ao Douro aos respigos,  
Não achei que respigar <sup>9</sup>:  
Minhas conversas contigo  
No que vieram a dar!*

A palavra *respigo* emprega-se na indicada accepção, pelo menos, em Baião, Penajoia, Mangualde <sup>10</sup>, Fozcoa, Manteigas, Castello-Branco, Villa-Real-de-Tras-os-Montes, — isto é: no Baixo Douro, na Beira-Alta e Baixa, e no Sul de Tras-os-Montes. Assim, diz-se: *ir ao respigo, andar a apanhar o respigo, cesta cheia de respigos, dá cá aquelle respigo, tres respigos*; estas ultimas phrases, e a cantiga popular que citei acima, não deixam dúvida nenhuma sobre o character concreto da palavra. Em Baião, a par de *respigo*, o povo diz mais frequentemente *repigo*, pela troca de *res-*, considerado como prefixo (= *re-ex-*), com *re-*, sob a influencia de *rebusco* = *re-busco* <sup>11</sup>; como illustração do assunto citarei a seguinte cantiga popular que lá ouvi:

*Béim sei qu'andais ó repigo  
Na bide qu'eu beindimei;  
Béim sei q'andaiades logrando  
Amores q'eu ingeitei <sup>12</sup>.*

Em Mangualde, a par de *respigo*, diz o povo correntemente *respingo*, por influencia de *respingar* (no sentido beirão de «deitar pingos»): assim ouvi a várias pessoas.

Em Valpaços e no concelho de Bragança consta-me que os bagos e escádeas que ficam depois da vindima se chamam *galélos*; das pessoas que se occupam em os apanhar diz-se que *andam ao galélo*, ou *vão aos galélos*. A um individuo do concelho de Macedo de Cavaleiros ouvi tambem *galélo*, no sentido de escadea com bagos de uvas;

mas esse individuo, que era da classe popular, dizia *ir á galéla*, para exprimir o acto de apanhar os galélos: d'onde concluo que *galélo* é substantivo concreto, e *galéla* abstracto, embora não exista o verbo \**galelar* <sup>13</sup>.

Nos Arcos-de-Val-de-Vez a *respigo* e *galélo* corresponde *biscato* e *biscalho*. De *biscalho* deriva *biscalheira*, especie de «ladra» ou vara rachada na extremidade, e destinada a colhêr o biscalho. A palavra *biscalho* é de certo a mesma que *biscato*, só com differença de suffixo: *bisc-ato*, *bisc-alho* <sup>14</sup>. Na lingua commum encontra-se *biscato* não só na accepção de «o que a ave leva no bico para os filhinhos», mas também na de «fragmentos», «pedaços» <sup>15</sup>: foi nesta ultima que, na lingoagem dos Arcos, se applicou especialmente aos restos das uvas.

Em Miranda-do-Douro, Monção, Vianna, Aveiro, Coimbra, diz-se *ir ao rebusco* (ou *rabusco*), fallando, tanto das uvas, como dos feijões, castanhas etc. <sup>16</sup>. Naquellas localidades, em que o acto de ir aos restos das uvas tem denominação especial, i. é, nos concelhos de Bragança, Valpaços, Macedo, Villa-Real, e no Baixo-Douro, Alto-Minho, Beira-Alta e Baixa, *rebusco* (ou *rabusco*) applica-se geralmente só apenas aos restos que ficam do feijão, castanha, azeitona, depois da colheita. O acto de ir colhêr o que fica da azeitona tem, ainda assim, em Castello-Branco a denominação especial de *ir ao bago*. Tanto *rabusco* ou *rebusco* como *rebusca* e o correspondente verbo usam-se também na lingua commum em accepção geral. Diz Moraes, *Dicc. da lingua port.: rebuscar a vinha, rebusca dos cachos*, e: «*rabusca*, s. f.: rabisco; diz o vulgo, de rabiscar as vinhas».

Nas provincias do Sul (Estremadura, Alemtejo e Algarve) diz-se frequentemente *ir ao rabisco*, fallando do que fica depois da colheita das uvas, azeitonas, feijões etc. <sup>17</sup>: o verbo correspondente é *rabiscar*. No Algarve (Barlavento) ouvi a este proposito um interessante dictado:

S. Martinho Bispo,  
Vamos ao rabisco,

onde *rabisco* está ironicamente por «vinho», por S. Martinho ser patrono dos bebados; a este dictado corresponde:

*S. Martinho Pápa,  
Vamos á çurrapa,*

sendo *çurrapa* o mesmo que «zurrapa» (*çurrapa* é a fôrma originaria). Já acima vimos que Moraes cita *rabisco*; s. v. «rabiscar» elle é porém mais explicito: «*rabiscar* as uvas na vinha: tornar a ver se se achão os cachos que ficarão por descuido, ou por se não verem»; e acrescenta: «Barreto, *Ortogr.*, traz *rabiscar* por erro de *rebuscar*, o que é direito, olhando á derivação, mas prevaleceu o abusivo *rabiscar*»; a obra a que se allude aqui, é a *Ortografia da lingoa portuguesa* de J. Franco Barreto, Lisboa 1671, p. 272. Condemnação analoga de *rabiscar* e *rabisco*, como synonymos de *rebuscar* e *rebusco*, traz Bento Pereira, *Regras geraes... da melhor orthografia*, Coimbra 1733, no appendice, e Madureira, *Orthographia*, Coimbra 1739, p. 452-453. Effectivamente *rabiscar* parece estar em vez de *rabuscar* (variante phonetica de *rebuscar*), por troca de terminações: *-u-scar* < > *-i-scar*, que neste caso se tornaram equivalentes para o espirito do povo, talvez pelo facto de haver outros verbos assim terminados, como *chamuscar*, *chuviscar*, *comiscar*; outro exemplo analogo, e bem interessante, é *coriscar*, paralelo a *coruscar*<sup>18</sup>. — De *rabiscar* dá tambem testemunho a seguinte cantiga popular que se canta no Alandroal (Alemtejo):

*Fui á vinha a rabiscar,  
Quatro bagos encontrei:  
O' meu amor, não me deixes,  
Que eu inda te não deixei!*

Para terminar este excurso direi que em Valpaços se diz *soutar* com applicação á apanha geral das castanhas de um *souto* (lat. saltus «bosque», tornado em romance, por antonomasia, «bosque de castanheiros», «castanhal»); no Baixo-Douro e

no concelho de Rêsende usa-se, mais ou menos, *persoitar* = per-soitar, no sentido especial de «andar ao rebusco das castanhas», com o competente substantivo verbal *persoita*, do genero feminino.

\*

Resumindo o que fica dito, direi que *respigo* é substantivo verbal, tirado, por derivação regressiva, de *respigar*, e que (ou só, com as variantes dialectaes *repigo* e *respingo*) se usa, applicado ao que fica da vindima, em varias regiões do Norte e Centro do país; como synonymo de *respigo* temos *galélo* no Norte de Tras-os-Montes, *biscato* e *biscalho* no Alto-Minho, *rebusco* ou *rabusco* noutras regiões trasmontanas e beirãs (com applicação tanto aos restos da vindima como a diversos frutos), *rabisco* nas tres provincias do Sul; de *rebusco* ou *rabusco*, applicado ás castanhas, é synonymo *persoita* nas margens do Douro.

Alguma das palavras citadas neste excurso tornam-se agora conhecidas pela primeira vez, como *biscalheira*, *biscalho*, *galéla*, *persoita*, *persoitar* e *soutar*. De outras palavras, já archivadas nos dicionarios, ficamos sabendo novas significações, como *biscato*, *galélo* e *respigo* <sup>19</sup>.

<sup>1</sup> Não póde vir do lat. *sibilum*, pois que o *i* da penultima syllaba é breve; só póde vir de *assobiar* = *a-ssobiar* *sibilare*.

<sup>2</sup> As outras lingoas romanicas tem, por exemplo: prov. *escolh*, *doj*; fr. *doute*, *pleur*; ital. *chiamo*, *desiro*; rum. *auz*; hesp. *cuenta*, *queja*.

<sup>3</sup> *Grammaire des langues romanes*, II, 265 e 268.

<sup>4</sup> *De la création actuelle de mots nouveaux*, Paris 1877, p. 49 ss. — Cfr. *Dictionnaire général de la lang. fr*, I, 42.

<sup>5</sup> *Grammatik der romanischen Sprachen*, t. II, pag. 443.

<sup>6</sup> Vid. mais exs. nos meus *Estudos de philologia mirandesa*, I, 306-307.

<sup>7</sup> *Respigar* é derivado parasynthetico de *espiga* (lat. *spica*-). Digo que é parasynthetico, porque não vem de *espigar*, que tem outro sentido.

<sup>8</sup> Moraes, *Dicc da ling. port.*, 4.ª edição. — Uma cantiga que ouvi no Alandroal diz tambem:

*Fui á seara a respigar,  
Muita espiga encontrei:  
Eram tantas e tão bastas,  
Para a seara as levei.*

De facto, nessa localidade, *respigar* tem a significação que acima lhe dei, isto é: «Ir apanhar as espigas que ficaram no chão, ou ainda na haste, depois de concluida a ceifa». Não existe porém substantivo correspondente ao verbo.

<sup>9</sup> E' costume irem de Fozcoa homens e mulheres ás vindimas do Douro.

<sup>10</sup> Consta-me que em Mangualde tambem se diz neste sentido *rebusco*.

<sup>11</sup> Nessa região o povo diz tambem *refulgar* = re-fulgar «resfolgar», *refriar* = re-friar «resfriar», *remungar* = re-mungar «resmungar»: palavras em que se vê *re-* em vez de *res-*, como em *repigo*. O phenomeno inverso se observa em *resgalar* = res-galar «regalar» ou «arregalar os olhos», que vem nos Dicionarios de Moraes e Roquete. Todos os factos citados mostram que no espirito do povo oscillam pois *re-* e *res-*: por isso *repigo* não é para estranhar. A troca de prefixos não é phenomeno raro nas lingoas romanicas: cfr. C. Salvioni *Etimologie* (separata da *Miscellanea linguistica in onore di G. Ascoli*), p. 9 — Quanto a *remungar*, notarei que em Baião se usa tambem *remusgar* (que é ao mesmo tempo fórma antiquada: vid. D. Carolina Michaëlis in *Revista Lusitana*, III, 184), e *resmungar*; aquele é pois mais proximo do lat. \**re-mussicare*, deriv. de *mussare* «fallar por entre os dentes» (só raramente se ouvirá ahi *remungar*). De *remusgar* veiu: *resmungar*, por metathese reciproca, e *resmungar*, por nasalamento do *u* sob a influencia do *m*. como de *muito* veiu *mũito*, de *mi* veiu *mim*, de *mesa* veiu o pop *mêza*, etc. De *resmungar* veiu *remungar* igualmente por metathese reciproca.

<sup>12</sup> Primeiro publicada nos meus *Dialectos interamnenses*, III, 26.

<sup>13</sup> Relacionar-se-ha *galélo* com o lat. *galla* «noz de galha», em virtude da fôrma globular d'esta, com a qual se compararia a do bago da uva? Teríamos assim um supposto *\*gallelus* como etymo; o mais natural seria que de *galla* se fizesse um deminutivo em *-a*, mas cfr. *bago* a par de *bāga* < *bacca*, e, quanto á fôrma, *cancéllo* a par de *cancella*. O ter *é* a palavra *galélo*, em vez de *ê*, que é o do suffixo *-éllo*, não faz objecção, porque no N. de Tras-os-Montes é substitue frequentemente *ê* — Tentador seria comparar com esta palavra a hespanhola *galillo*, que significa «uvula», pois *uvula* é deminutivo de uva; todavia em hespanhol esperar-se-hia que houvesse *\*gallillo*, porque *-LL-* dão *-ll-* nessa lingoa —, a não ser que *galillo* se formasse por dissimilação. Com esta ordem de ideias não se relaciona o facto de *galla* ter em latim, alem da sua significação propria, a de «mau vinho»; tal significação provém certamente do sabor amargoso e adstringente da noz de galha. Incidentalmente notarei que o port. *galha* não vem de *galla* mas de *\*gallea*, considerada como adjectivo: nux *\*gallea*. — Segundo o sr. Candido de Figueiredo, *galelo* em Tras-os-Montes tem a significação de «gomo de laranja» (vid. *Novo Dicc*, s. v.); como porém não indica precisamente a localidade, não posso verificar se isto é exacto ou não.

<sup>14</sup> Não é facto unico que a mesma palavra se apresente com suffixos ou terminações differentes, sobretudo se os suffixos ou terminações são raros: port. *lobato* e *lobacho* (cfr. *reg-ato* e *ri-acho*), port. *milh-ano* e *milh-afre*, gall. *miñ-ato*, e *miñ-oto*, port. *jav-ardo* e *jab-ato* (estas duas últimas encontro-as citadas pela Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis, *Studien zur hisp. Wortdeutung*, § 23). Vid. outros exs. nos *Estudos de philologia mirandesa*, I, 460. — Sobre troca de suffixos em geral, vid.: *Dict. général de la lang. fr.*, I, 45; C. Salvioni, *Quisquiglie etimologiche*, Bergamo 1897, p. 15; e sobretudo G. Cohn, *Die Suffixwandlungen*, Halle a. S., 1891.

<sup>15</sup> Moraes, *Dicc. da ling. port.*, 4.<sup>a</sup> ed., s. v.

<sup>16</sup> Na Galliza tambem se usa *rebusco* neste sentido. No *Dicc. gallego* de Valladares, s. v., lê-se: «*andar, ir ó rebusco*, — andar á la rebusca, ir al



cencerron despues de la vendimia, á las castañas, nueces, ú otras frutas que siempre quedan, bien en los árboles, bien en el suelo, cuando la recolección». — Em hespanhol o corrente é *rebusca* (abstracto e concreto), com o verbo *rebuscar*: diz-se particularmente das uvas, mas póde applicar-se a outros frutos.

<sup>17</sup> Quando digo «provincias do Sul», é claro que não deve tomar-se á risca esta denominação, pois nunca os phenomenos glottologicos coincidem absolutamente com os limites geographicos: as fronteiras são sempre zonas intermedias. Assim em Pombal, que fica na Estremadura, mas ao Norte, diz-se *rabusco*, como na Beira, que fica proxima. — Nas regiões onde se diz *rabisco*, creio que (no interior) não se conhece *rabusco*, nem *respigo*.

<sup>18</sup> Já num codice, provavelmente do sec. VI, de Cambridge, numa traducção do Evangelho de S. Matheus, XXIV, 27, se lê *scoriscatio* (em vez de *coruscatio, fulgur*): vid Rönsch, *Jahrbuch für roman. und engl. Literatur*, XIV, 177. O nosso *coriscar* ascende pois já a bastante antiguidade. — Vid. a este respeito igualmente: Diez, *Etym. Wb.*, 4.<sup>a</sup> ed., II - b, s. v.; e Körting, *Lateinisch-roman. Wb.*, 2.<sup>a</sup> ed., n.<sup>o</sup> 2514.

<sup>19</sup> Aos Srs. Albino Antonio Geraldés de Macedo (Miranda-do-Douro), Dr. Antonio de Pinho (Monção), Bernardo Rodrigues do Amaral (Mangualde), Dr. Felix Alves Pereira (Arcos-de-Val-de-Vez), Dr. F. Cordovil de Barahona (Portalegre), F. Tavares Proença Junior (Castello-Branco), P.<sup>o</sup> Francisco Manoel Alves (Bragança), Dr. Henrique Botelho (Villa Real) e Joaquim de Castro Lopo (Valpaços), agradeço as informações escritas que me deram a respeito de algumas das palavras aqui estudadas.







Separata do Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Líbris  
N.º 67-68, 1974